

Dados preliminares indicam que a inoculação tripla aumenta em 25 vezes a taxa de anticorpos contra o Sars-CoV-2, comparada à reação imunológica sem a dose de reforço. Versão do imunizante para a nova cepa deve sair até março

Pfizer: três doses para neutralizar a ômicron

» PALOMA OLIVETO

Resultados preliminares de um estudo divulgados ontem mostram que três doses da vacina Pfizer/BioNTech neutralizam a variante ômicron, detectada, pela primeira vez, na África do Sul e identificada, até agora, em 57 países, incluindo o Brasil. Contudo, duas injeções do imunizante têm atuação “significativamente reduzida”, informou um comunicado do laboratório norte-americano.

Segundo o estudo, ainda não publicado em uma revista científica, a terceira dose da vacina aumentou os níveis de anticorpos neutralizantes em 25 vezes, comparado a duas doses, contra a ômicron. A proteção é semelhante à observada após a imunização dupla contra o vírus selvagem, ou seja, a versão original, para a qual as substâncias foram desenvolvidas.

A Pfizer também informou que, embora duas doses ofereçam menos eficiência, elas continuam evitando formas graves da doença. Isso porque 80% das regiões da proteína spike reconhecidas pelas células T CD8+ “assassinas” não são afetadas pelas mutações da ômicron. Uma terceira injeção do imunizante aumenta ainda mais os níveis dessa célula, ressaltou o comunicado.

“Embora duas doses da vacina possam oferecer proteção contra doenças graves causadas pela cepa ômicron, a partir desses dados preliminares, é claro que a proteção é melhorada com uma terceira dose de nossa vacina”, disse Albert Bourla, presidente e CEO da Pfizer. “Garantir que o maior número possível de pessoas esteja totalmente vacinado com as duas primeiras séries de doses e um reforço continua a ser o melhor curso de ação para prevenir a propagação da covid-19.” Também em nota, o cofundador da BioNTech, Ugur Sahin, destacou que “amplas campanhas de vacinação e reforço em todo o mundo podem nos ajudar a proteger melhor as pessoas”.

Os resultados anunciados vão ao encontro de um estudo do Instituto de Pesquisa em Saúde África, na África do Sul, divulgado na terça-feira. Segundo a pesquisa, que ainda não foi revisada por pares, o nível de anticorpos sofreu uma redução de sete vezes contra

Ted Aljibe/AFP



O regime com duas doses evita casos graves de covid-19 após infecção por nova variante, diz farmacêutica



Uma terceira dose não vai acabar com a pandemia, mas com outras medidas, como uso de máscara e distanciamento social, reduzirá o número de casos”,

Isaac Bogoch, infectologista da Universidade de Toronto, no Canadá

a ômicron, comparado à proteção conferida contra o vírus original. O artigo destacou que uma dose de reforço poderia sanar essa deficiência.

De acordo com a Pfizer/BioNTech, uma versão da vacina adaptada à ômicron estará pronta antes de março. Em 25 de novembro, teve início o desenvolvimento de um imunizante específico para a nova cepa, e os primeiros lotes devem ficar prontos para entrega em 100 dias, dependendo da

aprovação regulamentar. Os dois laboratórios também iniciaram testes clínicos com vacinas direcionadas às demais variantes. “Os dados desses estudos serão submetidos a agências regulatórias em todo o mundo para ajudar a acelerar o processo de adaptação da vacina e a obtenção de autorização regulatória ou a aprovação de uma vacina específica para ômicron”, diz o texto.

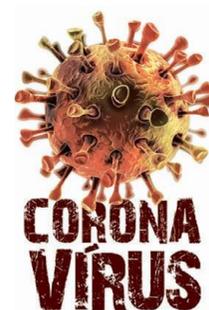
Incentivo

Para avaliar a eficácia da vacina contra a variante ômicron, a Pfizer e a BioNTech testaram um painel de soros imunes humanos obtidos do sangue de pessoas que receberam duas ou três doses do atual imunizante. O material passou por um teste para medir, então, o título de anticorpos neutralizantes contra o vírus selvagem e a nova cepa. Mesmo que preliminar, o relatório divulgado pelos laboratórios foi bem recebido por cientistas.

“No contexto de todos os dados que têm surgido sobre a variante ômicron até agora, ficou claro que devemos

enfrentá-la com uma estratégia de terceira dose para adultos com mais de 18 anos. Uma terceira dose não vai acabar com a pandemia, mas com outras medidas, como uso de máscara e distanciamento social, reduzirá o número de casos”, diz Isaac Bogoch, infectologista da Universidade de Toronto, no Canadá, especialista em medicina tropical e saúde pública.

“Esses dados encorajadores fornecem um forte apoio para as campanhas que defendem três doses da vacina”, acredita Charles Bangham, professor de imunologia e codiretor do Instituto de Doenças Infecciosas do Imperial College London. “O comunicado da Pfizer também nos lembra que os anticorpos não são o único meio pelo qual a resposta imune protege contra um vírus. Eles apontam que 80% das regiões da proteína do pico que são reconhecidas pelas células T citotóxicas permanecem inalteradas na variante ômicron. É provável que esse seja um componente crítico da resposta imune à vacina — e da resposta à infecção anterior — que protege contra doenças graves.”



Sinais de maior risco de reinfeção

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) disse, ontem, que a variante ômicron, aparentemente, tem uma taxa maior de reinfeção, mas causa sintomas menos graves. “Os dados preliminares da África do Sul sugerem um risco aumentado de reinfeção pela cepa ômicron, mas são necessários mais dados para tirar conclusões mais fortes. Também há evidências que sugerem que a ômicron causa sintomas menos graves do que a delta”, disse Tedros Adhanom Ghebreyesus em um encontro com a imprensa, em Genebra.

A cientista-chefe da OMS, Soumya Swaminathan, também se referiu aos estudos preliminares que mostram que a nova cepa torna a vacina Pfizer/BioNTech menos eficaz, mas pediu o máximo de cautela na interpretação dos dados. “Há uma grande variação na redução da eficácia dos anticorpos, que vai de quatro a sete vezes menos a 40 vezes menos, nesses diferentes estudos, que se limitam ao seu efeito sobre os anticorpos, quando sabemos que o sistema imunológico é algo muito mais complexo”, ressaltou. “É prematuro concluir que a redução da atividade de neutralização de anticorpos deve resultar em uma diminuição significativa na eficácia das vacinas”, acrescentou, citada pela agência France-Presse de notícias (AFP).

ASTRONOMIA

Um planeta improvável

Ele não deveria existir, e, ainda assim, “b Cen (AB)b”, um planeta gigante do tipo super-Júpiter orbita um sistema estelar muito massivo na constelação de Centauro, de acordo com um estudo divulgado na revista Nature. O par de estrelas, apelidado de “b Cen”, pesa muito, com uma massa de seis a 10 vezes à do Sol. Até agora, nenhum planeta havia sido detectado em torno de um sistema estelar de mais de três massas solares.

Essas estrelas “formam um ambiente considerado bastante destrutivo e perigoso, a ponto de ser considerado muito difícil para grandes planetas se formarem”, explica o astrônomo Markus Janson, da Universidade de Estocolmo e principal autor do estudo publicado, coordenado pelo Observatório Europeu Austral (ESO). A mais brilhante das estrelas gêmeas “b Cen” — cerca de 325 anos-luz da Terra — irradia a uma temperatura de superfície estimada em mais de 18 mil graus Celsius, mais de três vezes à do Sol.

Quando o Sol ainda estava em formação, seu disco protoplanetário, uma nuvem de gás e poeira, viu a formação de planetas, com Júpiter à frente, por aglomeração de poeira. Seu núcleo rochoso, então, acretoou o gás que hoje forma a atmosfera do planeta mais

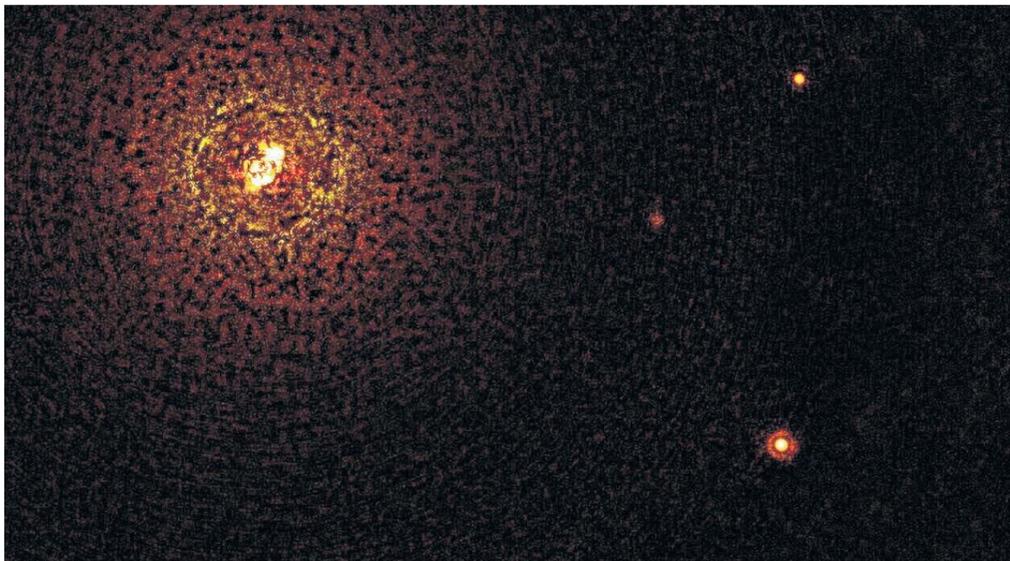
massivo no Sistema Solar.

Mas estrelas como a “b Cen” são tão quentes e brilhantes que sua luz sopra a matéria ao redor delas e não há o suficiente para formar um núcleo rochoso nas proximidades, explicou à agência France-Presse de notícias (AFP) o astrônomo Gaël Chauvin do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS) e coautor do estudo.

Então, “qual é o mecanismo de formação do planeta em ação em um ambiente tão hostil, devido à radiação muito forte?”, questiona o pesquisador. Segundo ele, se a teoria tornava a formação de um planeta em torno de uma estrela massiva dificilmente crível, ela foi “superada pela observação”. A saber, pelo Very Large Telescope do ESO, no Chile, e seu instrumento SPHERE.

Gigante gasoso

O “b Cen (AB) b” pertence à mesma espécie de Júpiter, a dos gigantes gasosos, mas tem quase 11 vezes sua massa. Acima de tudo, a distância que o separa de seu par de estrelas é colossal, 100 vezes a que separa Júpiter do Sol. Em primeiro lugar, foi necessário garantir que, apesar da distância, o astro estava de fato em órbita em torno das estrelas de “b Cen”.



A imagem mostra o sistema estelar muito massivo orbitado pelo planeta gigante Centauri b

Um trabalho de arquivo constatou que o planeta tinha sido observado, mas não identificado como tal, por um pequeno telescópio do ESO, há 20 anos. A comparação com 2000 confirmou o movimento próprio do planeta e mostrou que ele se movia da mesma maneira

que sua estrela hospedeira. Então, em órbita.

O “b Cen (AB) b” poderia ter formado um núcleo rochoso por aglomeração de poeira a uma distância suficientemente grande de seu par de estrelas, ou então por um fenômeno de instabilidade gravitacional, em que parte

da nuvem de poeira repentinamente desabou sobre si mesma. A busca por respostas apenas começou. A equipe internacional de Markus Janson tentará conhecer a composição química do planeta. Isso pode apontar para um cenário mais claro. A resposta virá dentro de alguns anos.